

## O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: CONFLITO ENTRE A ESCOLA E O TRABALHO

MARILÚ FONTOURA DE MEDEIROS  
*Faculdade de Educação, UFRGS*

### RESUMO

*Análise de algumas idéias da teoria de Bernstein relacionadas com o processo de socialização no sistema social. A tendência do sistema social determina o papel da família, da escola e do trabalho. O estudo tem por objetivo discutir o papel da escola nesse processo, já que a escola é considerada como tendo um propósito complexo relacionado ao desenvolvimento da imaginação em um contexto livre. Nesse caso, é importante estar consciente das dificuldades encontradas na tentativa de emparelhar escola e trabalho, uma vez que a escola não tem somente a função de preparar mão-de-obra.*

### 1 INTRODUÇÃO

#### 1.1. Retrospectiva

Muitos estudos e críticas têm sido feitas ao trabalho de Basil Bernstein. Alguns destes trabalhos voltam-se mais para o ponto de vista lingüístico (Labov, 1970); outros enfatizam aspectos mais culturais (Stahl, 1975) e outros, ainda encontrados na literatura, analisam as diferenças de linguagem nas classes sociais através da exploração do contexto social (John & Goldstein, 1964; Jones, 1974). Ao lado destes, outros colocam questões relacionadas à linguagem e à educação (Bell, 1974; Jones, 1974). De acordo com Stahl (1975, p. 147) as idéias de Bernstein tem gerado um grande número de pesquisas na área educacional, parte delas relacionadas com investigações das interrelações, postuladas por Bernstein, entre classe social, organização e socialização familiar e modos lingüísticos. Outro foco de estudos tem se centrado na melhoria dos métodos de ensino para as crianças denominadas como carentes (Lawton, 1968; Hess & Shipman, 1965; Lewin, 1977).

---

Trabalho apresentado no Departamento de Lingüística na Universidade de Stanford, EUA, e no Seminário de Sociolingüística desenvolvido pelo Dr. Basil Bernstein nos Cursos de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, 1977.

## 1.2. Propósito do Trabalho

O principal propósito deste trabalho consiste em procurar clarificar certas interpretações dúbias sobre o trabalho de Bernstein. Um desses aspectos refere-se à noção de códigos sócio-lingüísticos, desenvolvido por Bernstein na década de 1960. Essa noção tem recebido mais ênfase do que as valorizações que o próprio autor originariamente atribuía a ela. Em outras palavras, a ênfase colocada nesta noção não reflete a real posição adotada por Bernstein que trata da análise das interrelações entre PODER E CONTROLE no PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO (1978). Bernstein analisa as funções da família, do trabalho e da escola como parte do processo de socialização no papel de manter o equilíbrio do controle social.

A partir destas colocações esse trabalho propõe a seguinte questão:

— Qual o papel esperado da escola no processo de socialização?

Em outras palavras, dependendo da ênfase dada ao processo de socialização, a escola deve ter diferentes papéis. Então, a questão pode ser:

— Se a escola possui um contexto imaginativo e papéis flexíveis, será possível o estabelecimento de uma relação próxima entre escola e trabalho na sociedade?

## 2. PONTOS DE REFERÊNCIA NAS IDÉIAS DE BERNSTEIN

### 2.1. Passos no estudo dos Códigos Lingüísticos

Preliminarmente, para um melhor entendimento da questão colocada nesse trabalho é importante que se sumarize certos pontos relevantes do quadro de referência do trabalho de Bernstein.

Bernstein (1977) afirmou que a evolução do estudo dos códigos lingüísticos, pode ser considerada em quatro passos, como seguem<sup>a</sup>: o primeiro, compreendido o período que vai de 1958 a 1960, caracterizado pelo autor como uma lista mesclada de critérios; o segundo de 1960 a 1966, que inclui as formas de controle pessoal/posicional; o terceiro, 1966 a 1970, inclui o estudo dos significados, das realizações e do contexto; e o quarto, de 1974 a 1977, que pode ser expresso pela análise dos códigos e de seus materiais bases<sup>b</sup>.

Estas amplas idéias apresentadas até o momento, permitem delinear que o autor está muito mais interessado na forma em que se processam as interações sociais. A leitura do trabalho do autor<sup>b</sup> (Bernstein, 1974, p. 242) parece indicar

---

<sup>a</sup>O primeiro destes passos refere-se a critérios apresentados pelos códigos restritos e elaborados; o segundo, refere-se a organização de fala, isto é, se a comunicação é voltada mais para uma direção pessoal ou posicional; o terceiro, inclui a relação social, particularmente a possibilidade de escolha de significados relevantes; o último, coloca a ênfase na relação entre a pessoa, o contexto e as regras de desempenho (código).

<sup>b</sup>Para uma revisão e análise do trabalho do autor, veja Bernstein, 1974, v.1, p. 76-81, 190-201 e 243-5.

que seu propósito crucial reside na tentativa de descobrir os princípios que estão subjacentes aos significados da estrutura social, através do uso da linguagem no processo de socialização.

## 2.2. O papel da matriz de Socialização no Controle Social

De acordo com Bernstein (1974, p.138) o contexto de socialização é regulado por um princípio estrutural denominado matriz de socialização.

Bernstein (1974) afirma que o princípio da matriz de socialização é expresso por classificações e quadros de referência (frames). O relacionamento e a expressão de força entre as classificações e os quadros de referência evidenciam uma relação que tem muito mais a ver com a socialização do que com as formas de realização lingüística (Bernstein, 1973, p. 187). Nesse contexto, se a classificação e os quadros são fortes, encontra-se uma situação em que tanto a estrutura de controle como a forma de comunicação, que dão origem a matriz de socialização, já altamente explícitas e definidas, estão voltadas diretamente para a reprodução de valores de uma cultura específica.

Observando as forças da classificação e a estrutura dos quadros no grupo social tem-se a possibilidade de estabelecer distinções entre as sociedades, tomando como referência a fronteira estabelecida para a manutenção de procedimentos. Neste sentido, Bernstein (1974, p. 187) afirma que:

(...) é necessário considerar a força dos fatores restritivos sobre a escolha de valores que legitimam as relações de poder. Assim, em sociedade onde as restrições são fracas sobre os valores legitimadores, isto é, onde há uma variedade de valores permitidos, nós podemos esperar uma alteração de um controle voltado para pessoas: em sociedades com fortes restrições sobre os valores legitimadores, nós podemos esperar uma marcada alteração para controle voltado para posições''.

Avançando na análise da força das classificações é, particularmente interessante observar sua influência na apresentação de alternativas. Assim, quando o quadro de referência é fraco, uma grande gama de alternativas pode ser encontrada. Da mesma forma, o código enfatizará a escolha de alternativas. Nesse caso, o código parece ser

---

<sup>6</sup>Classificação refere-se ao grau de manutenção de limites entre conteúdos (...). Quadros referem-se às fronteiras entre o que pode e o que não pode ser transmitido na relação pedagógica. (Bernstein, 1973, p. 231).

menos direcionado e mais indireto na relação entre os significados e os materiais bases que atuam no processo de socialização<sup>d</sup>. As restrições parecem, também, ser bem menores.

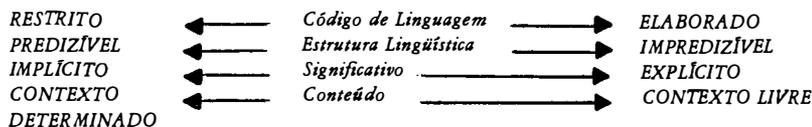
### 3 O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

#### 3.1 A escola e a seleção de alternativas

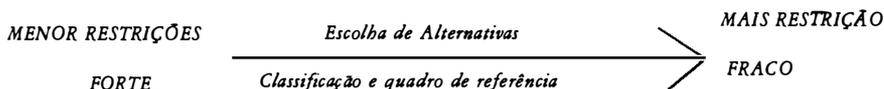
*O principal ponto que pode ser levantado aqui refere-se ao papel da escola no processo de socialização e o efeito da socialização no processo de escolarização, através do questionamento sobre a apresentação ou não de trabalhadores ou mão-de-obra para seus futuros empregos. É necessário estar consciente da complexidade que esta questão representa.*

*Bernstein afirma que o papel da escola está em reduzir ou não reduzir as alternativas de escolhas em um contexto crítico de socialização. Bernstein (1974, p. 196) diz que concerne à escola tornar explícito, através da linguagem, princípios e operações que irão compor as correspondentes classificações e os quadros de referências. Por exemplo, se uma escola está diretamente voltada para a reprodução de alguns valores, então, esta escola terá fortes classificações, fortes quadros de referência e a marcada representação de controle e autoridades da sociedade a qual a escola pertence. De acordo com Bernstein (1974, p. 239) esta situação evidencia que a organização seletiva, a transmissão e a avaliação de conhecimentos estão estritamente relacionados com padrões de autoridade e controle. Quando se tem uma situação como a apresentada anteriormente, é possível concluir que a escolha de alternativas será mais reduzida do que em outros grupos societários nos quais, a autoridade e o controle podem ser menos inflexíveis em suas classificações e quadros de referência.*

<sup>d</sup>O quadro de referência pode ser encontrado no trabalho apresentado por Bernstein & Henderson (1965) e seus principais pontos podem ser assim configurados:



<sup>e</sup>Outra configuração na forma de ordenar as classificações e os quadros de referência e um continuum de acordo com suas fronteiras:



### 3.2. A escola e o trabalho

O próximo ponto refere-se ao relacionamento da escola com o trabalho. Alguns autores como Behn e outros, (apud Carnoy & Levin, ed., 1976 p. 219-43) afirmam que a escola constitui-se em excelente preparação para o mundo do trabalho.

Levin (apud Carnoy & Levin, ed., 1976, p. 84) explica que:

*“Todo o sistema de relações sociais parte da organização do trabalho, do processo educacional e da família. Ambos, organização do trabalho e família, moldam o processo educacional. O primeiro cria a demanda de trabalhadores, com conjunto particular de características, os quais são funções do processo produtivo, e o sucesso da escola está na dependência de atender a estas demandas.”*

Outro enfoque dado ao fenômeno analisado por Levin & Carnoy (1976) é proposto por Freire (1973, p.34):

*“Em nosso mundo essencialmente técnico, a produção de massa como uma organização do trabalho humano é possivelmente um dos instrumentos mais potentes de massificação do homem. Através da exigência de mecanização, a produção doméstica o homem. Através da separação de suas atividades do projeto total, não requerendo pensamento crítico para a produção, essa mesma produção o desumaniza. Através de estrita especialização, ela restringe seus horizontes, tornando-o passivo e não crítico.”*

Nesta mesma linha Bernstein (1974, p. 238-9) sugere que:

*“A função da escola não é de um instrumento de divisão do trabalho, mas muito mais um instrumento de controle social, regulando o comportamento dos alunos, suas emoções, e, então, modos de relacionamento social, os quais são considerados aceitáveis para uma parte da sociedade a qual os alunos, frequentemente, sentem que não pertencem (...). É possível de observar como as mudanças na distribuição do poder e os princípios do controle social afetam o que, o como, o onde, o quando e o com quem da experiência educacional”.*

Agora, volta-se a questão mencionada no início do trabalho, isto é, se a escola pode se integrar diretamente com o mundo do trabalho.

Procurando responder a questão, é necessário a existência de um sistema social no qual exista oportunidade de selecionar alternativas, a ênfase se coloca no contexto imaginativo, e os significados estejam mais relacionados com princípios universalísticos. Tem-se, então, a representação de uma sociedade em aberto, isto é, uma sociedade orientada mais para a criatividade e não somente para a reprodução de valores do sistema.

*Por outro lado, com a existência de um sistema social com limites fortemente demarcados, voltado para a autoridade é quase que impossível encontrar respostas imaginativas. Essas situações ocorrem em sociedades que enfatizam a redução de valores.*

*Relacionando com a situação de trabalho, acredita-se que as organizações do trabalho podem influenciar os processos familiares e educacionais. Entretanto, necessita-se enfatizar o papel global do processo de socialização. Ele ocorre em diferentes sistemas sociais através de diferentes características. Por exemplo, em uma sociedade integrada, onde os significados são mais gerais e o contexto é mais livre, é, provavelmente difícil pensar na possível integração entre escola e trabalho em termos da escola, basicamente, preparar trabalhadores para os papéis exigidos pelo mercado.*

*Em outras palavras, se existe maior liberdade para a escolha, os princípios são mais universais e há menor controle autoritário é difícil poder perceber a integração entre trabalho e escola. Nesta situação, o sistema de "brete" ou de escolha única é menos usado. Provavelmente, somente no sistema social que enfatiza fronteiras muito demarcadas e significados muito particularizados, pode-se encontrar a escola preparando a mão-de-obra para o trabalho.*

*Em síntese, a escola possui propósitos mais complexos do que somente preparar mão-de-obra para o trabalho. O principal propósito da escola reside na socialização, de acordo com as necessidades do sistema social. Essa é uma das razões fundamentais para a existência da escola. Como decorrência, a escola procura atender as necessidades dos alunos, em direção ao desenvolvimento de suas próprias habilidades. Outro papel extremamente importante que cabe à escola refere-se ao desenvolvimento da consciência crítica, da mente aberta, do pensamento flexível e da possibilidade de apresentar princípios mais universais e códigos mais integrados. Freire (1973, p. 18) apresenta posição muito semelhante a esta.*

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Considerando o que se apresentou até o momento pode-se afirmar que:*

- Bernstein parece estar mais interessado no processo de socialização e na manutenção do equilíbrio do controle social, do que nos códigos lingüísticos em seu sentido estrito;*
- A escola, a família e o trabalho são partes do processo de socialização;*
- A força dos quadros de referência influencia as restrições sobre as escolhas de valores;*
- As classificações e os quadros de referência menos rígidos relacionam-se com o sistema mais imaginativo e criativo;*
- Se a escola enfatiza e torna explícita uma relação direta e estrita com o trabalho (mercado de trabalho) pode-se perceber a existência de princípios muito particulares, que inibem a capacidade crítica de avaliar e modificar o sistema social.*

1. BELL, L. A. *Language and education: a discussion of the work of Basil Bernstein*. The Durham Research Review, 33:912-28, Autumn 1974.
2. BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control*. London, Canada, 1973. v. 1.
3. \_\_\_\_\_. *Class, codes and control*. London, Routledge & Kegan Paul, 1974a. v. 1.
4. \_\_\_\_\_. *Class, codes and control*. London, Routledge & Kegan Paul, 1974b. v. 2.
5. \_\_\_\_\_. Socio-linguistic thesis. Porto Alegre, UFRGS, *Cursos de Pós-Graduação em Educação*, 1977. *Trabalho apresentado no Seminário de Sociolinguística*. Mimeogr.
6. BERNSTEIN, Basil & HENDERSON, Dorothy. *Social class differences in the relevance of language to socialization*. In: MUSSEN, Paul Henry et alii. *Readings in child development and personality*. New York, Harper and Row, 1965. p. 228-47.
7. CARNOY, Martin & LEVIN, Henry. *The limits of educational reform*. New York, David McKay, 1976.
8. FREIRE, Paulo. *Education for critical consciousness*. New York, Seabury, 1973.
9. HESS, Robert B. & SHIPMAN, Virginia. *Early experience and the socialization for cognitive modes in children*. Child Development, 36:869-86, 1965.
10. JOHN, V. & GOLDSTEIN, L. S. *The social context of language acquisition*. Merrill-Palmer Quarterly, 10: 1964.
11. JONES, M. Martin. *Social and ethnic differentiation in speech: the educational dilemma*. Stanford, Stanford University, Department of Linguistics, 1974. Mimeogr.
12. LABOV, William. *The logic of non-Stanford English*. In: WILLIAMS, F., ed. *Language and poverty*. Chicago, Martham, 1970.
13. LAWTON, Denis. *Social class, language and education*. London, Routledge & Kegan Paul, 1968.
14. LEWIN, Zaida Grinberg. *Códigos verbais restritos: uma tentativa de modificação baseada em produção alternativa e observação*. Porto Alegre, UFRGS, *Cursos de Pós-Graduação em Educação*, 1977. Mimeogr.
15. STAHL, Abraham. *The cultural antecedents of socio-linguistic differences*. Comparative Education, 11 (2): 147-52, June 1975.

## ABSTRACT

*This paper reviews and discusses some ideas from Bernstein's work, which deals with socialization process. The social system can affect the role of family, school, and work. According to the trends of the social system, the socialization process takes place in the family, school, and at work. On the hand, these institutions can bring about a change in the social system by the development of the socialization process. The objective of this paper is to survey the school's role in this process, that is, the school has complex purposes like the development of imaginative and free contexts. In this case it is important to be aware of the difficulty in matching school and work, since school does not only have the purpose of preparing the workers to work.*

(Recebido para publicação em 27.08.79)